



Vol. 19, nº 2 (2020)

DOI: 10.30681/issn22379304v19n02/2020p181-204

**LIBERDADE, GÊNERO E RELAÇÕES RACIAIS NA LITERATURA
AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE DA OBRA
SANGUE NEGRO DE NOÉMIA DE SOUSA**

**FREEDOM, GENDER AND RACIAL RELATIONSHIPS IN THE
PORTUGUESE-LANGUAGE AFRICAN LITERATURE: AN
ANALYSIS OF THE BOOK SANGUE NEGRO BY NOÉMIA DE SOUSA**

Tais Turaça Arantes¹

Recebimento do texto: 15/08/2020

Data de aceite: 27/09/2020

RESUMO: O presente trabalho possui como *corpus* as poesias de Noémia de Sousa, presente em sua obra *Sangue Negro*, que pertence à literatura africana de língua portuguesa. O objetivo geral do texto é abordar em seu escopo as discussões de liberdade, gênero e relações raciais de acordo com escritos dos teóricos do feminismo. A base teórica se dividiu em pesquisadores sobre a literatura africana, tais como: Oliveira (2017), Fonseca e Moreira (2007), Bosi (2002) e Secco (2002); assim como as pesquisadoras feministas Mattos (2012), Mahmood (2010), Lauretis (1994), Crenshaw (1991), *Mohanty (1984)*, *Ribeiro (2017)*. A metodologia é qualitativa. Os principais resultados foram de que a literatura africana de língua portuguesa representa uma luta pela liberdade através da poesia e que Noémia de Sousa é uma importante voz de representação das mulheres moçambicanas.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura Africana; Feminismo; Noémia de Sousa.

ABSTRACT: The present paper has as *corpus* the poems of Noémia de Sousa, present in his work *Sangue Negro*, that belongs to the Portuguese-language African literature. The overall goal of this text is to address the scope of freedom, gender, and race relations in the writings of feminist theorists. The theoretical basis was divided into researchers on African literature such as: Oliveira (2017), Fonseca and Moreira (2007), Bosi (2002) and Secco (2002); as well as feminist researchers Mattos (2012), Mahmood (2010), Lauretis (1994), Crenshaw (1991), *Mohanty (1984)*, *Ribeiro (2017)*. The methodology is qualitative. The main results were that the Portuguese-language African literature represents a struggle for freedom through poetry and that Noémia de Sousa is an important voice of representation of mozambican women.

KEYWORDS: African Literature; Feminism; Noémia de Sousa.

¹ Doutoranda do curso de Pós-graduação Stricto-sensu em Psicologia Social (PPGPS-UERJ), Campus do Rio de Janeiro/RJ. taistania@gmail.com



Introdução

A literatura africana existe em diversas línguas, tais como inglesa, francesa e a portuguesa. Os principais eixos temáticos abordados nessa literatura são os conflitos existentes na região, os sofrimentos sociais e políticos, a terra e a paisagem. Durante muito tempo as pesquisas acadêmicas voltaram-se para os autores dessa literatura, deixando grandes escritoras de fora dessa abordagem, contudo, esse cenário vem mudando, mesmo que de forma gradativa.

Dessa forma, a literatura africana abordada neste trabalho é a de língua portuguesa, e com o recorte para a obra *Sangue Negro* de Noémia de Sousa, pois acredita-se que é necessário discutir as autoras africanas para contribuir com as pesquisas desse campo apresentando a gama de riquezas da escrita feminina.

Nesse sentido, é importante dizer que a primeira edição chegou no Brasil, em 2016, publicado pela editora Kapulana, na coleção *Vozes da África*. Logo, também é importante ressaltar, de um ponto de vista historiográfico, que uma edição final da obra foi publicada em forma de coletânea em 2001², pela Associação dos Escritores Moçambicanos, dessa forma, a versão utilizada no escopo desse trabalho é uma de 1988. Ainda nesse sentido, de um ponto de visto histórico, foi um longo período para que isso de fato acontecesse, uma vez que se trata de anos de história refletidos

2 “A moçambicana esteve mobilizada para a necessidade de tornar a literatura um espaço cada vez maior de resistência e de afirmação contra o domínio repressivo colonial e apresenta, em sua obra, os temas principais da Negritude enquanto movimento intelectual e dinamizador do processo cultural africano. Seu primeiro livro, *Sangue Negro*, terminou de ser impresso somente no ano de 2001, depois que sua obra já havia sido lida e relida, estudada (através de fotocópias) nos exílios, nos campos de batalhas, nas escolas pós-independências e nas universidades estrangeiras e nacionais” (MOTA, 2011, p. 12).



nas poesias de *Sangue Negro*, visto que essas poesias foram escritas entre 1948 e 1951, publicados em jornais, revistas, antologias e demais periódicos em língua portuguesa.

Seu nome completo é Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares, ela nasceu a 20 de Setembro de 1926, em Moçambique. Poetiza que se apropria da língua de seu colonizador e escreve dezenas de poemas, numa forma de denúncia³ sobre aquilo que a envolve com sua terra. Lembrando que muitos desses poemas estão dispersos pela imprensa moçambicana e estrangeira (SANTOS, 2013).

Noémia revela ser marcada por uma profunda experiência sobre a escravidão por ser mestiça. A sua poesia se mostra repleta de elementos que mostram sua terra, toda a crueldade que um povo exerceu sobre o outro, como também é uma poesia de uma esperança... a esperança dos humilhados, que é sempre a da sua libertação. Em suma, toda a sua produção é marcada pela presença constante das raízes profundamente africanas, abrindo os caminhos da exaltação da Mãe-África, da glorificação dos valores africanos, do protesto e da denúncia (SANTOS, 2013).

Por isso que este trabalho aborda três eixos que são discutidos no feminismo: a liberdade; o gênero; e as relações raciais. Esses eixos foram trabalhados na literatura africana de língua portuguesa por serem temas

³Usamos a palavra denúncia por acreditarmos que por meio da literatura se pode dizer aquilo que realmente acontece na sociedade. “A literatura expressa os dilemas, sentimentos e muitas vezes a realidade do homem, de maneira a explorar o raciocínio e o imaginário do leitor, transportando-o para o lugar do outro. Deste modo, a Literatura leva o leitor à análise de realidades diversas, impulsionando-o ao Conhecimento, pois trata de reflexos da história e da Realidade social de determinadas comunidades retratando a cultura, os costumes, e a organização política e social de determinada região, podendo deste modo auxiliar o Direito através de textos de ficção que expressam determinados problemas sociais e determinadas formas de expressão da sociedade, pois as obras exemplificam a situação social, políticas e psicológica da sociedade” (ORTIGA; KACHIYAMA; DEPINÉ; MORETTO, 2010, p. 2118).



abordados por Sousa em seus escritos. Sendo assim, foram escolhidas autoras do campo do feminismo para embasar o referencial teórico desta pesquisa.

1 Despojando as dores e cores de um povo: um panorama da literatura moçambicana

As literaturas de língua portuguesa em países africanos surgiram após um longo processo de conscientização que se iniciou em meados do século XIX, relacionado ao grau de desenvolvimento cultural das ex-colônias portuguesas. As manifestações literárias nesses países tiveram início nos jornais, de forma ativa e polêmica, e se pautavam numa crítica aos colonizadores. Em algumas publicações, como nos volumes do *Almanach de lembranças luso-brasileiro*, podemos encontrar boa parte dessas manifestações (FONSECA; MOREIRA, 2007).

Os escritores africanos em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe viveram, até a data da independência, entre duas realidades, a sociedade colonial e a africana (OLIVEIRA, 2007). E por meio da escrita eles expressavam a tensão existente entre esses dois mundos, utilizando, ao mesmo tempo, a língua europeia e a escrita de manifestação (FONSECA; MOREIRA, 2007). Ou seja, utilizavam as heranças provenientes dos movimentos e correntes literárias europeias e americanas e também as do contato com as línguas locais, criando-se uma voz para denunciar os problemas de seu povo.

A poesia em Moçambique é política e de combate e foi fundada, principalmente, por militantes do FRELIMO⁴. Este tipo de poesia preocupa-

⁴ A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) é um movimento de libertação que foi fundado em 1962 para lutar pela independência das províncias portuguesas de Moçambique (CIPRIANO, 2010). “Antes de se tornar um partido político, a FRELIMO nasce como um



se em comunicar uma mensagem de cunho político e às vezes partidário (SOUZA; SILVA, 2016). Dessa forma, as obras poéticas eram conscientemente produzidas com caráter nacionalista, fundando assim, *a priori*, a consciência do que é ser moçambicano no contexto da África e, *a posteriori*, no mundo. Entre os principais poetas deste tipo, encontram-se Noémia de Sousa, José Craveirinha, Jorge Viegas, Sebastião, Mia Couto e Luis Carlos Patraquim.

Acerca da poesia moçambicana pós-independência, os poetas desta geração deixaram a essência coletiva preferindo o individual e o intimista, com que relataram suas experiências pós-coloniais (LIMA, 2014; MARQUES, 2014). Entre os grandes poetas, é obrigatória a referência a Mia Couto e Luis Carlos Patraquim, pois são dois construtores da palavra e preocupados com a linguagem poética.

No que tange à poesia contemporânea moçambicana, observa-se que a produção dos últimos 20 anos foi construída tematicamente com resíduos de sonhos, desejos, sentimentos, paisagens e memórias que resistiram a todas as guerras e, ainda hoje, resistem às novas opressões sociais e políticas (SECCO, 2002). O papel da escrita tem um significado enorme como um recurso ideológico, visto que, se durante o colonialismo a luta era pela sobrevivência de um povo, agora essa luta se configura por um sentido de existência do mesmo. Existência que muitas vezes é negligenciada por outros povos.

A respeito da resistência na escrita, o teórico Bosi apresenta a seguinte assertiva:

movimento de luta contra a ocupação de Moçambique por Portugal, potência colonizadora. De tal forma que, existe uma distinção da sigla FRELIMO como movimento revolucionário (escrita em letras maiúsculas) e da Frelimo como partido político (escrita em letras minúsculas)” (CUCO, 2016, p. 138).



Vol. 19, nº 2 (2020)

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário, da utopia) (BOSI, 1977, p. 143-144).

No que concerne à existência na escrita, Bosi (2002, p. 238) também a descreve como “um fenômeno notável de resistência cultural pelo qual o drama de uma existência, que é subjetivo e público ao mesmo tempo, sobe ao nível da consciência inconformada e se faz discurso, entrando assim, de pleno direito, na história objetiva da cultura”. Compreende-se que a resistência apresenta várias formas de se manifestar na literatura. Sendo assim, quando se trata da literatura africana, está explicando o fato de que às vezes a poesia pode ter um lirismo pessoal que pode se eximir de questões políticas, mas que acaba por interceptar preocupações da sua existência, ou seja, que acaba por tocar em assuntos da cultura africana; quando se trata de uma visão mais coletiva, as questões das raízes culturais ficam em um primeiro plano, evidenciando a denúncia política e ideológica.

Logo, estudiosos da poesia de Moçambique consideram que há duas vertentes caracterizadoras do sistema poético moçambicano. A primeira exprime um lirismo individual, isentando-se dos comprometimentos políticos ou ideológicos, exprimindo mais preocupações existenciais de variados níveis. A outra está inserida num projeto de afirmação coletiva, estabelecendo uma poesia de denúncia e protesto, em que se observa a incursão política-ideológica (SECCO, 2002).

Portanto, observa-se que a poesia moçambicana não se fez de rupturas, mas de retomadas, conquistas, avanços e recuos, tanto que os jovens poetas de Moçambique não abriram mão da intertextualidade com os poetas



que os antecederam. Em outras palavras, existe uma retomada de um passado histórico que sempre se faz presente.

2 Liberdade, gênero e relações raciais na literatura africana de língua portuguesa

A carga semântica da palavra liberdade evoca vários sentidos na vida do ser humano. No campo da filosofia ela se expande para uma gama de discussões, como explica Limongi (2004), que a compreensão de liberdade está dentro do querer, do fazer, da autonomia, participação política, do direito. Nesse sentido, compreende-se que a liberdade pode ter apenas um sentido de palavra ou ser um conceito.

Ao pensar a liberdade como um conceito filosófico, vários caminhos podem ser seguidos. Em um conceito Kantiano em uma proposição sintética, através da fundamentação da metafísica dos costumes, a liberdade está atrelada a uma reflexão moral. Se por um lado os seres vivos possuem suas vontades, como uma espécie de causalidade, a liberdade, seria então uma propriedade dessa causalidade. A liberdade não pode ser atribuída como pura vontade, se não houver o entendimento de atribuí-la a todos os seres racionais, guiados pela moralidade.

A ideia de liberdade que as pessoas vivem e que carregam como um valor prezado nas suas relações e em seus vínculos contemporâneos não é algo que emerge facilmente na mente das pessoas, visto que o conceito de liberdade acaba por se misturar com a história da modernidade (MATTOS, 2012). Nesse sentido, o que a pesquisadora Mattos apresenta é uma proposta de percepção da liberdade cunhada pelo liberalismo, visto que o mesmo está relacionado com “diferentes aspectos da sociedade moderna e da nova racionalidade política que emerge com o modo de produção capitalista



industrial” (MATTOS, 2012, p. 38). Existe uma tensão nos pensamentos da noção da liberdade, dos seus limites e da sua regulação.

Nesse sentido, para corroborar essa ideia, Mahmood (2010) explica que é importante aprofundar a noção de liberdade em que os estudos feministas se baseiam, partindo de uma distinção essencial que a teoria do liberalismo apresenta, que seria: a liberdade negativa e a liberdade positiva. A liberdade positiva pode ser descrita como a capacidade de autocontrole e autogoverno, enquanto a liberdade negativa, como a ausência de quaisquer tipos de restrições à capacidade do indivíduo de agir como deseja.

Nesse sentido, ressalta-se a concepção da importância desse pensamento para esse trabalho, visto que Mahmood enfatiza o conceito de uma autonomia individual como algo central no que concerne à discussão de liberdade, já que, para ele, para um indivíduo ser livre, suas ações devem ser consequências de suas vontades próprias, que estariam mais além dos costumes, tradição ou coerção social (MAHMOOD, 2010, p. 77).

A partir disso, constitui-se, então, nesse texto, uma indagação: o que seria a liberdade na literatura africana e qual a importância desse constructo? Para abordar a literatura africana de língua portuguesa como *corpus*, é necessário entender as discussões realizadas na mesma, sendo na poesia ou na prosa, ou seja, a liberdade é um tema transversal e oblíquo. Observa-se a citação a seguir:

A resistência ao colonialismo organiza-se em movimentos. Fugindo ao massacre de uma identidade colonial que se presume superior, o homem africano propõe a construção de ideais que, por força da guerra, exigem a anulação da subjetividade em favor de um ser coletivo, a fim de que os pressupostos da luta pela liberdade possam prevalecer sobre propostas individuais. As identidades étnicas são contidas, esvaziando o significado dos elementos culturais de origem. As línguas africanas diversas



Vol. 19, nº 2 (2020)

calam-se para deixar falar a língua do colonizador (REGO, 2010, p. 2).

A liberdade aparece como algo que teria de ser um direito a um povo, que além de ser negada, precisou-se travar mais lutas para que se pudesse ser compreendida como um direito de fato. As discussões sobre o que seria liberdade negativa ou positiva ficam engendradas quando se pensa na liberdade exposta na literatura africana, pois ela ainda estava no campo imagético dos sonhos construídos por palavras. Nesse sentido, a literatura africana de língua portuguesa apresenta uma difícil escolha que veio a partir da dor de um povo: abrir mão da língua materna para aprender a língua do colonizador, para semear discursos sobre a liberdade.

Mesmo que muitos poetas idealizadores não possam ter visto o tempo de reconstrução da África, a escrita de suas literaturas contribuíram nesse sentido para uma construção de liberdade através das palavras, como explica Rego (2010): “há longos caminhos ainda a serem percorridos até que os negros africanos possam exercer o pleno direito de existência social, mas o seu lugar na História foi garantido por todos aqueles que transformaram dor em luta, sonho em liberdade”.

Nesse sentido, quando se discute a importância da literatura para os temas aqui abordados é necessário evocar Lauretis (1994), pois a literatura africana trabalha a ideia de liberdade, e quando se pensa em questão de gênero masculino e feminino, estamos falando de visões diferentes sobre mesmos problemas.

Dessa forma, a explicação de Lauretis (1994) sobre a tecnologia do gênero, que toma o cinema e a literatura, mesmo sendo discursos artísticos, contribuem para reforçar os discursos existentes sobre como diferenciar o homem da mulher; o conceito tecnologia do gênero é o “produto de diferentes



tecnologias sociais” (LAURETIS, 1994, p. 208). A referida autora apresenta que o gênero é uma representação que se manifesta no comportamento do sujeito, assim como demonstra que a divisão entre o sexo masculino e feminino está atrelada a um sistema em que seus conteúdos culturais estão relacionados com a economia e a política.

Sendo assim, outro ponto de extrema relevância para essa discussão é sua assertiva sobre gênero e ideologia, pois a categorização entre o masculino/feminino acaba por não refletir a realidade, mas a constrói sob uma visão de manipulação das relações sociais. Isso fica evidenciado quando se estuda a literatura africana por um viés da historiografia literária, como fica apontado em Brown (1981, p. 03 *apud* SOARES; CARBONIERE, 2016, p. 135):

a literatura africana tem que ser entendida como uma literatura escrita por africanos homens, pois o interesse na literatura africana, com raríssimas exceções, excluiu as mulheres escritoras. As mulheres escritoras da África são as outras vozes, as vozes não ouvidas, raramente discutidas.

A pesquisadora Aidoo revela em 2009 sobre esses questionamentos no campo teórico dos estudos de literatura africana, visto que em 1985 ela assistiu a uma palestra ministrada por um estudioso do sexo masculino e o mesmo não mencionou nenhuma autora do sexo feminino, e, quando indagado, o mesmo respondeu ser algo natural (SOARES; CARBONIERE, 2016). Nas palavras da escritora “[...] Por que deveria isso ser ‘natural’, esquecer que algumas escritoras africanas têm escrito e publicado há tempos, assim como alguns escritores africanos homens?” (AIDOO, 2009, p. 514 *apud* SOARES; CARBONIERE, 2016, p. 135).



Vol. 19, nº 2 (2020)

como argumentaram os acadêmicos feministas em vários campos, o colonialismo não é neutro quanto ao gênero. Pelo contrário, é uma ordem patriarcal, sexista e racista em sua ideologia e práticas. O que esses estudos indicam é que a posição das mulheres em relação aos homens deteriorou sob o colonialismo. Eles também mostram que, embora as mulheres pré-coloniais tivessem mais liberdade do que suas descendentes colonizadas, a dominação masculina era parte integrante das sociedades em que viviam. Sob o colonialismo, então, as mulheres africanas estavam sujeitas a formas interligadas de opressão: o racismo do colonialismo e as estruturas indígenas e estrangeiras da dominação masculina (STRATTON, 1994, p. 7)⁵.

Noémia de Sousa lutou contra o colonialismo através de sua poesia. As críticas sociais demonstram problemas abordados pela teoria do feminismo. Dessa forma, percebe-se que até dentro do estudo da literatura africana, o gênero feminino precisou lutar para ter o seu espaço como corpus de estudo.

Os temas abordados pelas mulheres autoras da literatura africana vão de encontro com as discussões propostas por Crenshaw (1991), em que a autora define que as discriminações de raça, etnia, gênero, classe e renda em muitas situações se interseccionam. Muitas vezes os problemas enfrentados pela mulher africana representada na poesia de Noémia de Sousa são diferentes dos problemas apresentados por autores do sexo masculino. Crenshaw apresenta a interseccionalidade como uma forma de enquadrar as várias interações entre raça e gênero, e como essa interação se apresenta de

⁵ Tradução livre: “as feminist scholars in various fields have argued, colonialism is not neutral as to gender. Rather it is a patriarchal order, sexist as well as racist in its ideology and practices. What these studies indicate is that women’s position relative to men deteriorated under colonialism. They also show that, while pre-colonial women had more freedom than their colonized descendants, male domination was nonetheless an integral part of the societies they lived in. Under colonialism, then, African women were subject to interlocking forms of oppression: to the racism of colonialism and to indigenous and foreign structures of male domination”.



maneira mais forte no que concerne à violência contra a mulher negra; o termo interseccionalidade também demonstra como se configura a interação do racismo com o patriarcado geral.

Mesmo que a discussão proposta por Crenshaw (1991) esteja relacionada à violência doméstica em outro contexto social diferente do apresentado na literatura africana, há a percepção de que raça e cultura também contribuem para essas questões de violência. É importante ressaltar que Crenshaw explica que a violência não é somente física, essa violência ocorre quando essas mulheres são sobrecarregadas pela pobreza, pelas responsabilidades com o cuidado infantil e pela falta de habilidades profissionais que refletem na sobrecarga do desemprego desproporcionalmente alto. É nesse sentido que se explica o contexto da mulher moçambicana, que além de sofrer a violência por seu gênero, também sofre a violência da colonização.

Nesse sentido, explica-se que a “colonização quase invariavelmente implica uma relação estrutural de dominação e uma supressão – muitas vezes violenta – da heterogeneidade do(s) sujeito(s) em questão”⁶ (MOHANTY, 1984, p. 333); outra questão importante quando se utiliza o termo colonização em textos com o cunho feminista é que se deve estar atento à empregabilidade semântica do termos “colonizador/colonização”, visto que Mohanty (1984) já sugeria que alguns textos feministas que analisou colonizam discursivamente as heterogeneidades históricas e materiais da vida das mulheres no terceiro mundo, gerando uma produção acadêmica de apresentação de uma "mulher do Terceiro Mundo" composta e singular – uma imagem que parece

⁶ Tradução livre: “colonization almost invariably implies a relation of structural domination, and a supression –often violent– of the heterogeneity of the subject(s) in question” (MOHANTY, 1984, p. 333).



construída arbitrariamente, mas que, no entanto, carrega consigo a assinatura autoritária humanista do discurso ocidental; nesse sentido, a mulher moçambicana perde uma identidade e é vista pelos colonizadores, e outros pesquisadores, apenas como uma “mulher de Terceiro Mundo”, o que acaba por desvalorizar toda a cultura dessas mulheres e de seu povo.

Essa discussão leva a outro ponto quando se pensa no conteúdo expresso nas poesias de Noémia, visto que, como explica Ribeiro (2017), as narrativas das mulheres negras são atos de restituir humanidades que a elas foram negadas. Essa assertiva traz de novo a noção de pensar o colonialismo, visto que o que se pretende com esse debate “é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades” (RIBEIRO, 2017, p. 22). Por mais que essa discussão esteja locada no campo teórico do feminismo e não necessariamente na literatura, aqui abordada como corpus, essa discussão permeia o sentido do texto da Noémia, quando anteriormente explicado que durante muito tempo os pesquisadores de literatura africana se debruçaram sobre obras de autores masculinos, apagando um importante ponto de vista feminino das escritoras africanas, sendo assim, cabe outro ponto apontado por Ribeiro (2017, p. 22), que se deve atentar para “o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimentos de outros”; ouviu-se durante muito tempo apenas o que os escritores africanos tinham para contar em suas denúncias textuais, não que isso perca sua relevância, mas é necessário também olhar o ponto de vista feminino.

Por isso, sempre se retoma a importância de se escolher as poesias de Nóemia de Sousa como *corpus*, pois:



Vol. 19, nº 2 (2020)

Noémia de Sousa relata que as mulheres se transformaram em coisas, pois lhes tolheram a existência digna, sendo inviável se sentir mulher em razão das violências, especialmente as sexuais, nas quais eram vítimas. A liberdade da mulher moçambicana foi seriamente comprometida, a favor dos homens que, muitas vezes estavam de passagem pelo litoral, e queriam satisfazer os seus ímpetos e desejos lascivos (SANTOS, 2017, p. 82).

Assim como, quando se fala de sua escrita:

No plano da literatura de Moçambique, Noémia de Sousa ocupa um lugar privilegiado, pois, embora a obra literária da escritora seja curta, possui grande valia para uma leitura crítica. O discurso da autora já anuncia uma tendência politizada, o que nos permite afirmar a escritora como uma feminista, pois uma das grandes preocupações da mesma é refletir sobre o lugar de onde fala a mulher na sociedade patriarcal e como esta mulher reflete sobre os valores da tradição do norte e do sul de seu país (FREITAS, 2010, p. 07).

A partir dessa discussão, e sobre o entendimento da importância dos escritos de Noémia de Sousa, o próximo tópico realiza um olhar semiótico sobre a obra *Sangue Negro*.

3 Um olhar sobre a obra *Sangue Negro*

Como supracitado, escolheu-se Noémia de Sousa, pois nos estudos de literatura africana em língua portuguesa percebeu-se que as autoras possuem um espaço, ainda que pequeno, na produção literária desses países. A autora em questão constitui em suas poesias e prosas a temática da opressão, questionando-se assim as estruturas sociais. Uma vez que “a sua



poesia embalou o compromisso de toda uma geração em torno da luta pela libertação em Moçambique” (SOUSA, 2008, p. 02).

Logo, é importante dizer que foi em 1940-50 que a autora se insere no conjunto literário de Moçambique, em suma, ela contribui no amadurecimento de uma nova consciência dos problemas africanos. Dessa forma, analisar a poesia de Noémia de Sousa é encontrar outro povo, conhecer outra cultura, cheia de credos, de mitos, de ritos... Em outras palavras é ler a cultura africana, por meio da escrita de Noémia de Sousa, é uma estrada, um caminho para se perceber uma tradição cultural. É ter a permissão para viajar por um território cultural de uma nação que, colônia de Portugal até 1974, acumulou valores sociais díspares, como: a monogamia e a poligamia, o politeísmo e o monoteísmo; a escravidão e a liberdade; o cultivo e a indústria; ou seja, situações políticas, religiosas e econômicas que beiram a guerra e a miséria (FREITAS, 2010, p. 02).

Claro que ao se falar do conteúdo da escrita de Noémia, também se deve falar sobre a estrutura de suas poesias, ou seja, sobre as questões de oralidade e ritmo. Observa-se a citação a seguir:

Em busca de uma maneira singular de ser moçambicana, Noémia de Sousa privilegia a investigação da infância, alicerçada na memória dos elementos da terra. As imagens da terra construídas em sua poesia corporificam a confraternização com sua infância renomada imagetivamente por meio de símbolos tópicos de Moçambique, revivificados num código linguístico repleto de marcas acústicas que caracterizam uma recorrência da poesia fundada na oralidade (OLIVEIRA, 2008, p. 02).

Essas questões da valorização da musicalidade, dos ditos e refrãos, aspectos intimamente ligados à oratura (conjunto de oralidades), deixam mais ricos ainda a poética de Noémia de Sousa. O poema “Se me quiseres



conhecer” (SOUSA, 1988, p 49), no apresenta em seus versos a precária vida de um povo escravizado.

Acerca do referido poema, Freitas (2010, p. 10) nos diz que ao ler “o poema, percebemos logo a partir do título que o eu-poético utiliza o verbo na segunda pessoa para dirigir explicitamente ao seu leitor. Em se tratando de uma escritora militante como Noémia, sabemos que o alvo são os colonizadores”.

Ademais, ao se ler esse poema fica evidenciada uma denúncia da condição do negro dentro da sua terra natal. O pau preto que aparece na primeira estrofe é uma metáfora para falar do povo africano, ao qual Noémia pertence. Vários adjetivos são evocados para demonstrar o sofrimento do seu povo e o seu, tais como “sou... boca rasgada; sou... mãos enormes”. A segunda estrofe reflete a escravidão no verso “feridas visíveis e invisíveis pelos duros chicotes da escravatura”, demonstrando que mesmo depois da escravatura as feridas do corpo podem até terem sido cicatrizadas, mas as da alma ainda continuam.

Outro ponto extremamente relevante é o verso “E nada mais me pergunte”, presente na última estrofe, em que demonstra que a autora já falou de sua terra África e do seu povo, e isso já era o suficiente para conhecê-la. É notório que essa poesia trabalha com questões de impacto social. No que tange à estilística da poesia, a linguagem trabalha com a ressonância verbal, que no final se encadeia com sons ásperos, para representar o “grito inchado de esperança”.

Dessa forma, essa poesia espelha as discussões trabalhadas no segundo tópico desse estudo, quando se analisa o discurso de que Noémia, enquanto mulher, reflete a dureza vivida pelos escravos e de como isso, que aconteceu lá atrás, ainda no presente possui uma carga negativa deixada pelos



traumas. Essa poesia abre o círculo para mais uma discussão que é frequentemente evocada nos dias atuais pelo senso comum: “ah, mas não fui eu que escravizei” ou “eu não tenho culpa”; essas frases evidenciam ainda que as pessoas não querem ou não conseguem refletir sobre os danos históricos que um determinado povo pode causar em outro. Nesse sentido, a poesia africana de língua portuguesa contribui, de forma muito significativa, para a compreensão histórica da escravidão.

O poema “Súplica” (SOUSA, 1988, p. 37) apresenta um eu-lírico resistente à desculturação, em que é demonstrado que mesmo com a perda da liberdade pelos processos de escravidão, o povo africano não iria perder a sua cultura. Compreende-se que mesmo nos versos iniciais “Tirem-nos tudo, mas deixem-nos a música!”, em que eu-poético já demonstra que mesmo que o seu povo sofra, a cultura deles permanecerá viva, isso se evidencia na quarta estrofe quando ela escreve que podem levar o seu povo para outras terras longínquas, e que mesmo assim, a música, utilizada como exemplo da sua cultura, continuará mantendo uma liberdade de espírito.

Em busca de sua expressão, a autora estabeleceu um útil diálogo com marcas da “moçambicanidade” e de conflitos históricos de seu tempo, não deixando também de tocar em temas de apelo transcendental e a busca pela própria identidade cultural:

[...] gostaria de chamar a atenção para um elemento que, sendo comum a outros poetas moçambicanos, produz na poesia de Noémia de Sousa um efeito que me parece ter sido decisivo para o papel de modelo que veio a assumir nos diferentes níveis de recepção que obteve. Trata-se da forma como, através de várias estratégias intertextuais, historiciza os textos encaminhando-os para a expectativa que rodeia um certo espaço (África) e um certo tempo (a emergência dos nacionalismos africanos) (MENDONÇA, 2001, p. 167).



A poética de Noémia de Sousa representa os tipos humanos que vivem nos subúrbios, tais como os estivadores, prostitutas e carregadores de baldes de latrina, como é possível verificar no poema *Zampungana* (SOUSA, 1988, p.86). De *zampunganas* eram chamados os limpadores de latrinas, os quais eram responsáveis pela limpeza das latas e dos depósitos de excrementos dos sanitários nos subúrbios durante a noite. Dessa forma, Noémia evoca a temática de uma representação do território suburbano, em que muitas vezes se entrelaçam de trabalhadores de profissões de baixo prestígio social, levando a ideia de um coletivo, ou seja, em busca de uma forma de representar o lugar do negro na sociedade. O espaço periférico é evocado e referencia a subalternidade colonial. O poema *Zampungana* demonstra o eu-lírico que exercia a profissão mais baixa da escala social, que seria recolher fezes das latrinas dos bairros suburbanos. O verso “e até a vida me repudia!” representa que a autora escolheu se apropriar desse personagem para criar um símbolo de humilhação. Essa ideia se torna mais forte nos versos “Eu, só excremento/ Minhas mãos, meu corpo, meus olhos, meu dinheiro,/ minha vida,/ ai excremento, excremento, excremento!” e isso reforça a ideia de que para o seu povo sempre ficou o pior.

A autora acreditava que através do discurso poético era possível construir um novo imaginário, desvinculado do ideário colonial português que sempre esteve empenhado em apresentar as populações negras como sem cultura, sem civilização e sem história (ALÓS, 2009). Esse compromisso da poetisa com as lutas de seu tempo está projetado em diversos poemas, entretanto, não se trata apenas de uma projeção, mas de uma concepção que diz respeito ao papel dos escritores e intelectuais, pois esse pensamento de que é possível impulsionar a sociedade por meio da poesia não era apenas de Noémia, mas de boa parte dos poetas de sua geração.



Os poemas “Negra” (SOUSA, 1988, p.76) e “Moças das docas” (SOUSA, 1988, p. 92), abordam como tema as mulheres negras que foram tiradas de sua terra e colocadas como objetos e desejos sexuais do homem branco, e, mesmo depois de muito tempo ainda fica enraizada atualmente a ideia da beleza negra como uma forma de satisfazer desejos. Elas demonstram que a mulher negra não pode ter uma voz e já a colocaram como um objeto a ser adquirido.

Sobre a questão estilística, presente em Negra, isso fica representado nos versos dicotômicos “jarra etrusca, exotismo tropical, demência, atração, crueldade, animalidade, magia”, em que a mulher negra ora é tratada como algo belo, outra ora como objeto, depois como algo de servir, como um animal... e assim sucessivamente. Essas foram questões abordadas no segundo tópico desse estudo, sobretudo no âmbito da discussão de gênero e raça, em que nessa poesia é demonstrado que a mulher sofria duas vezes: uma pelo seu gênero e outra pela sua cor.

Nesse sentido, também explica a pesquisadora Gomes (2011, p. 33) que “a denúncia e o protesto anticolonial apresentados em voz de mulher e que tomam corpo feminino como símbolo de todas as formas de opressão e violência”. A poesia Negra reflete um cenário de dor que a autora evoca, novamente, em Moças das docas, em que as mulheres que trabalhavam no cais estavam afastadas de sua dignidade, uma vez que sofriam violências diárias, com uma dor profunda de sua existência e sem espaço para os seus sonhos. Existe a denúncia de que as mulheres são tratadas como objetos acompanhados por uma súplica de serem vistas novamente como mulheres dentro da sociedade.



Conclusão

A partir da revisão de literatura e da análise das poesias de Noémia de Sousa, torna-se importante ressaltar que a sua enunciação poética está edificada pela articulação de um discurso marcado pela oralidade e pleno de expressividade. Essa característica se constrói pela relação de um permanente diálogo e interpelação entre o eu lírico e o leitor idealizado pela autora.

A poesia de Noémia de Sousa faz parte da fase de amadurecimento da literatura moçambicana que ocorreu por volta da década de 1950, na qual houve uma nova consciência dos problemas africanos. Um dos principais traços de sua poesia está em seus esforços de articular um diálogo entre as vozes africanas e textos provenientes de outros lugares.

Entre os traços marcantes da escrita de Noémia de Sousa está a valorização da herança negra e a revolta contra a dominação dos colonizadores, o que lhe rendeu a perseguição política pela polícia portuguesa da época colonial. Também não se pode esquecer que além do empenho em denunciar os abusos do regime colonialista, a autora dá voz a um sujeito lírico feminino (ALÓS, 2009), denunciando os problemas e abusos enfrentados pelas mulheres negras da época.

Em vários de seus poemas, a mulher de Moçambique é chamada a tomar seu espaço na mobilização coletiva, para conquistar não apenas sua liberdade pessoal, mas também para conquistar a liberdade coletiva.

A reflexão que se faz com os poemas e os textos teóricos do segundo tópico demonstram que ainda assim, na atualidade, muitos temas apresentados na poesia de Noémia de Sousa se fazem presentes. Esses temas se entrelaçam com a própria autora, que durante a sua vida foi uma militante política, e representam as dificuldades de um povo, sobretudo de como a



figura da mulher sofre duplamente, buscando dar voz a essas mulheres que estão inseridas em uma sociedade patriarcal.

Referências

ALÓS, A. P. Uma voz fundadora na literatura moçambicana: a poética negra pós-colonial de Noémia de Sousa. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2009, p. 62-70.

BOSI, A. **O ser e o tempo e a poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, A. Poesia versus racismo. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 16, n. 44, p. 235-253, 2002.

CAMPOS, J. S. A historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa. **Cadernos de história: I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG**, Goiás, v.1, n. 1, p. 1-28, 2008.

CIPRIANO, L. **A gênese da FRELIMO**: os grupos e interesses na formação da Frente de Libertação Moçambicana (1964-1974). 84f. Dissertação (Mestrado). Academia militar. Lisboa, 2010.

CRENSHAW, K. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford law Review**, Estados Unidos, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, 1991.

CUCO, A. F. Frelimo: de um movimento revolucionário a partido político. **Revista Nep**, Curitiba, v. 2, n.2, p. 137-152, 2016.

FREITAS, S. R. F. Noémia de Sousa: poesia combate em Moçambique. **Cadernos Imbondeiro: III Seminário Nacional de Estudos Afro-Brasileiros**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 89-107, 2010.



Vol. 19, nº 2 (2020)

- FONSECA, M. N. S.; MOREIRA, T. T. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC de Pesquisa. Série Ensaios**, Minas Gerais, v. 16, p. 13-69, 2007.
- GOMES, S. C. Poesia moçambicana e negritude: caminhos para uma discussão. **Via Atlântica**, São Paulo, v.1, n. 16, p. 29-46, 2011.
- KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos costumes**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- LAURETIS, T de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994
- LIMONGI, M. I. As versões da liberdade. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba-Pr, v. 22, n.1, p. 227-229, 2004.
- LIMA, N. R. S. A poesia contemporânea em Moçambique e a concepção de identidade. **Contexto**, Espírito Santo, v.1, n. 25, p. 116-126, 2014.
- MAHMOOD, S. El sujeto de la libertad. **Revista de historia contemporânea**. Alcores, v. 10, n. 10, p. 65-114, 2010.
- MARQUES, L. L. L. A poesia moçambicana: entre a escrita de combate e o caráter intimista da produção contemporânea. **Cadernos da GELNE: 25a Jornada de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste**. Natal, v. 1, n. 1p. 1-12, 2014.
- MATTOS, A. M. Liberdade como um conceito teórico: coordenadas para pensar a sociedade atual. In: _____. **Liberdade, um problema do nosso tempo: os sentidos de liberdade para os jovens no contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 31-76.
- MOHANTY, C. Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses. **Boundary**, v. 12, n. 3, p. 333-358, 1984.



MOTA, M. N. C. **Lirismo de libertação**: uma leitura de poemas africanos e afrobrasileiros. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, J. J. As literaturas africanas e o jornalismo no período colonial. **O Marrare (online)**. Rio de Janeiro, n. 1, v. 8. P. 42-50, 2007.

OLIVEIRA, J. J. A Poética e a Prosa de: Alda Lara, Noémia de Souza, Ana Paula Tavares, Vera Duarte e Paulina Chiziane. **Revista eletrônica do instituto de humanidades**, Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p. 71-78, 2008.

REGO, A. C. S. A construção do “eu” africano: sonho, luta e liberdade. Disponível em:

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:a9nBZssMPnsJ:www.estacio.br/institutodapalavra/A_CONSTRUCAO_DO_%2520EU%25200_AFRICANO-2_23_06_10.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br.

Acesso em 18 de novembro de 2018.

RIBEIRO, D. **O lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, C. M. **A ponte entre a palavra da alma e a palavra do papel**: epistolário ficcional miacoutiano. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, 2013.

SANTOS, L. A. **A poesia de combate em Noémia de Sousa**. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense – Niterói, 2017.

SOARES, C. R.; CARBONIERI, D. Nervous conditions: a literatura africana escrita por mulheres e o tema da educação formal. **Afluente**, Maranhão, v.1, n.3, 2016, p. 133-156.

SOUSA, N. **Sangue Negro**. Maputo: Associação dos escritores



Vol. 19, nº 2 (2020)

moçambicanos, 1988.

STRATTON. Florence. **Contemporary African literature and the politics of Gender**. New York: Routledge, 1994.

ORTIGA, R. A.; KACHIYAMA, B. B.; DEPINÉ, Á. C.; MORETTO, G. A literatura como expressão da realidade. **XI Salão de Iniciação Científica**, Rio Grande do Sul, v.1, n. 1, p. 2118 – 2120, 2010.